



Novos médicos e enfermeiros preparados para trabalhar com SI

SONHO, SAM, SAPE ou SINUS são algumas das aplicações com que os profissionais da saúde lidam diariamente

Carlos Marçalo | juarezco@revistas.cofina.pt

As tecnologias de informação disseminaram-se neste sector e são parte integrante do dia-a-dia de médicos, enfermeiros e gestores hospitalares. Não é por acaso que ferramentas como o SONHO – Sistema de Gestão de Doentes Hospitalares, o SAM – Sistemas de Apoio ao Médico, o SAPE – Sistema de Apoio à Prática de Enfermagem ou o SINUS – Sistema de Informação para as Unidades de Saúde constituem o leque das principais aplicações do Sistema Nacional de Saúde (SNS).

O *Semana* falou com várias universidades para saber até que ponto as tecnologias de informação são uma peça-chave do ecossistema da saúde em Portugal e de que forma os novos médicos, enfermeiros e gestores hospitalares estão a ser formados para lidar com esta realidade. Por exemplo, na Faculdade de Medicina da Universidade do Porto (FMUP) existem desde 1995 diversos recursos que auxiliam os futuros médicos a lidar com esta realidade.

Segundo **Altamiro da Costa Pereira**, director do Departamento de Ciências da Informação e Decisão em Saúde da Faculdade de Medicina da Universidade do Porto, foi criada desde essa data a disciplina de Introdução à Medicina, que inclui as áreas de Informática Médica, Bioestatística e Metodologia de Investigação. No entender deste professor, não deve ser possível, nem é desejável, formar um médico sem que este esteja preparado para explorar todas as potencialidades dos sistemas de informação ao seu dispor. «Os médicos devem estar preparados para utilizar os sistemas de informação disponíveis», defende Altamiro da Costa Pereira. Nesse sentido, a FMUP fomenta várias acções de divulgação (além dos conteúdos ministrados na pré e pós-graduação, mas também na formação contínua) e actividades como as TED Talks, onde se debate o futuro da saúde.

«No mestrado em Informática Médica temos muitos seminários sobre temas diversos, que vão desde a telemedicina à simulação médica, por exemplo, no sentido de tomar os futuros médicos – e os médicos actuais – capazes de explorar as potencialidades dos sistemas de informação em saúde», revela o director do



Departamento de Ciências da Informação e Decisão em Saúde da FMUP.

No caso desta faculdade, os conteúdos de Informática Médica e Bioestatística estão integrados nas disciplinas de Introdução à Medicina, na pré-graduação. Foi ainda criado, no âmbito do ensino pós-graduado/segundo ciclo, um mestrado em Informática Médica pioneiro em Portugal, leccionado em conjunto com a Faculdade de Ciências da Universidade do Porto (FCUP) e que agrega mais de uma dezena de unidades curriculares na área das tecnologias de informação aplicadas à saúde.

A Faculdade de Ciências da Saúde (FCS) da Universidade da Beira Interior (UBI) também forma os alunos num ambiente que privilegia o acesso e a utilização contextualizada de vários sistemas de informação. **Luis Taborda Barata**, presidente da FCS da UBI, refere que os alunos do mestrado Integrado em Medicina da Faculdade de Ciências da Saúde da Universidade da Beira Interior são expostos, desde o primeiro ano, aos diversos sistemas de troca de informação usados nas diferentes unidades de saúde a que faculdade está ligada.

«Além disso, como, a partir do quarto ano do curso o ensino decorre essencialmente nessas instituições de saúde, os alunos vão contactando quer na enfer-

maria, quer nas consultas externas ou mesmo noutros locais, por exemplo no Serviço de Urgência, com os vários sistemas de registo e troca de informação», explica o professor. O presidente da Faculdade de Ciências da Saúde da UBI salienta ainda que os alunos têm um ensino que também engloba uma forte componente de sistema de informação online, intranet, Internet e e-learning.

No caso da UBI, as tecnologias de informação são completadas com a unidade curricular de Iniciação à Medicina, que contempla uma introdução a esta área. Contudo, noutras unidades curriculares ao longo do curso são abordados pontos complementares e específicos. Por exemplo, no laboratório de competências têm de praticar sistematicamente os registos, explica Luis Taborda Barata. Finalmente, e numa perspectiva de actualização e aprendizagem ao longo da vida e de ligação à investigação, «os alunos aprendem a utilizar bases de dados para acesso a dados científicos PubMed, B-on».

REGISTO CLÍNICO INFORMATIZADO

A utilização da informatização do registo clínico está a ser introduzida na Faculdade de Ciências da Saúde da UBI através de vários pontos ao longo do

curso, «sendo o primeiro a unidade curricular de Introdução à Patologia, na qual são abordados os diversos tipos de registos clínicos, nomeadamente a sua informatização», explica o presidente desta faculdade. Posteriormente, os alunos contactam com essa realidade prática ao longo das diversas rotações pelos diferentes serviços, enquanto na Faculdade de Medicina da Universidade do Porto, o contacto com a utilização do registo clínico se faz, de acordo com Altamiro da Costa Pereira, através das disciplinas de Introdução à Medicina (I e II) e de outras unidades curriculares opcionais (como Informática Médica, por exemplo) e através do mestrado em Informática Médica, «no qual muitos médicos têm participado, e que inclui aulas teóricas e práticas».

ENFERMEIROS ASSIMILAM SISTEMAS DE INFORMAÇÃO

Manuel José Lopes, director da Escola Superior de Enfermagem de S. João de Deus e do Centro de Investigação em Ciências e Tecnologias da Saúde da Universidade de Évora (UE), defende que «não é possível formar um enfermeiro sem este estar preparado para trabalhar com sistemas de informação». Essas competências, essenciais e transversais a todas as profissões de saúde,



são referidas por um comité de peritos reunidos sob a égide do Insitute of Medicine dos EUA e estão plasmadas numa obra intitulada «Health Professions Education: A Bridge to Quality».

O professor **António Fernando Salgueiro Amaral**, da **Escola Superior de Enfermagem de Coimbra**, partilha esta opinião. O futuro nas organizações de saúde vai ser «a ausência de papel (*paper free*), com recurso cada vez maior às tecnologias de informação, portanto, esquecer esta vertente na formação de enfermeiros pode ser estar a hipotecar o seu desenvolvimento e a sua visibilidade no seio dessas organizações», alerta.

O director da Escola Superior de Enfermagem de S. João de Deus e do Centro de Investigação em Ciências e Tecnologias da Saúde da UE diz que as competências para lidar com os sistemas de informação podem ser pensadas sob diferentes perspectivas.

Uma primeira tem que ver com as competências genéricas relativas às tecnologias da informação e da comunicação na perspectiva do utilizador. «A este nível evoluímos de uma situação de treino de competências básicas para uma outra de detecção de lacunas nas competências básicas», afirma. Ou seja, num primeiro momento, tomava-se necessário conferir competências básicas aos estudantes, existindo para o efeito unidades curriculares obrigatórias no plano de estudos, mas actualmente constata-se que as competências básicas, regra geral, estão adquiridas. Todavia, explica Manuel José Lopes, continua a existir uma unidade curricular, mas de opção, para os casos em que tal não aconteça.

Uma outra perspectiva está relacionada com a utilidade dessas competências no dia-a-dia da formação. Nesse sentido, os estudantes são mobilizados para a utilização de sistemas de ensino a distância, bem como de bases de dados científicas. «Esta mobilização não é exclusiva de uma unidade curricular, sendo antes transversal a todas, todavia, é particularmente importante na mobilização da evidência científica mais actual como forma de sustentar e justificar os cuidados», refere Manuel José Lopes.

Outra perspectiva tem que ver com os sistemas de informação em saúde adoptados pelos serviços. Neste caso, Manuel José Lopes sublinha a necessidade de distinguir dois escalões: o de utilização e o de desenvolvimento dos sistemas. «Ao nível da utilização, os enfermeiros precisam conhecer o sistema, mas previamente a isso necessitam de conhecer a linguagem padronizada utilizada pelo sistema.» Assim, todos os estudantes de todos os níveis na Escola Superior de Enfermagem de S. João de Deus são

formados tendo como referência a Classificação Internacional para a Prática de Enfermagem. Esta referência está presente na componente teórica, teórico-prática e clínica do curso. O conhecimento e a utilização do sistema são treinados principalmente em contexto clínico, ou seja, no decorrer dos ensinamentos clínicos em contexto real, em que sob supervisão de tutores da prática clínica utilizam os sistemas de informação.

O nível do desenvolvimento do sistema está reservado para estudantes de formação avançada, normalmente integrados em projectos com ou sem ligações a empresas.

MELHOR INFORMAÇÃO, MAIS EFICIÊNCIA

De facto os sistemas de informação passaram a ter um papel relevante nas organizações, concretamente nas organizações de saúde, na medida em que trazem vantagens competitivas, uma vez que permitem obter mais e melhor informação e por isso garantem mais eficiência, ao ponto de se considerar a informação não apenas como mais um recurso, mas o recurso a ser gerido, refere o professor António Fernando Salgueiro Amaral.

No que toca à formação dos enfermeiros nesta área, começa no primeiro ano. Nesta fase, destaca-se a importância de utilizar sistemas e tecnologias de informação e comunicação que proporcionem a partilha de informações e que ajudem na tomada de decisão relativa aos cuidados de saúde.

«Também aqui se orienta [o estudo] para a necessidade de um planeamento dos cuidados e para a importância que os SI podem ter na melhoria dessa intervenção, não apenas pela facilidade de acesso, mas sobretudo pela garantia de eficiência e de diminuição do erro que a utilização dessas ferramentas pode suscitar», explica o professor da Escola de Enfermagem de Coimbra. Mais tarde, os estudantes são orientados para a utilização de aplicações existentes, nomeadamente para a utilização do Sistema de Apoio à Prática de Enfermagem (SAPE), que é uma aplicação desenvolvida pela **Administração Central do Sistema de Saúde** e que está disponível na grande maioria dos hospitais e centros de saúde do SNS.

«Nos mestrados em Enfermagem existe mesmo uma disciplina de Sistemas de Informação em Saúde em que se enquadram os aspectos da utilização e também da gestão da informação, com relevo para a construção de indicadores para os cuidados utilizando as plataformas de registo quer dos diagnósticos, quer das intervenções», conclui António Fernando Salgueiro Amaral. ■